

INTERAÇÃO POR MEIO DE OBJETOS: Investigando bebês de uma Creche Municipal do Recife

Kariny Michelly Silva de Oliveira¹

Priscila Amâncio de Aquino²

Dilian da Rocha Cordeiro³

RESUMO:

O presente trabalho procurou investigar as interações dos bebês por meio de objetos examinando como tais interações acontecem; o sentido social que as crianças atribuem aos objetos; e ainda, perceber se o ambiente onde as crianças estão inseridas é propiciador dessas interações. Para identificar essas interações optou-se pelo uso de videografia, e os dados foram transcritos e analisados por meio da análise microgenética. Os resultados obtidos na pesquisa apontam que as crianças desde muito pequenas atribuem diversos significados aos objetos, e que as mesmas interagem e aprendem com seus coetâneos de maneira efetiva. As análises dos dados coletados revelaram que as interações contribuem para o desenvolvimento social e cognitivo dos bebês, como também podem fornecer subsídios para o aperfeiçoamento da prática pedagógica do docente.

Palavras chaves: Educação Infantil; Interação; aprendizagem; sujeito-objeto.

INTRODUÇÃO:

A concepção de criança que prevaleceu por muito tempo, por volta do século XVI e se estendendo pelo século seguinte, foi a de indivíduos ingênuos e inocentes que deveriam ser protegidos da corrupção do meio em que estavam inseridos. Essa ideia presente no pensamento moderno de infância “resulta numa dupla atitude com relação à criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalece-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão” (KRAMER, 1987, p.2).

De acordo com esse pensamento, os pequenos eram percebidos como iguais, isto é, sem singularidades. Especificamente o bebê, era visto como ser que não pensava, não se comunicava, e portanto, não partilhava de momentos de interação, experimentação e de construção de significados.

¹ Concluinte de Pedagogia 2016.1 – Centro de Educação – UFPE (kariny.ufpe@hotmail.com).

² Concluinte de Pedagogia 2016.1 – Centro de Educação – UFPE (priscila.amancio16@hotmail.com)

³ Possui mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua como docente na educação infantil no CMEI Professor Paulo Rosas.

As mudanças na própria organização da sociedade e as pesquisas na área da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia terminam por delinear novas concepções de criança e de infância, em que se percebe a criança como sujeito de direito e produtora de cultura.

Estudos desenvolvidos no campo da Sociologia da Infância trazem relevantes contribuições, em relação à construção da criança como ser social que aprende em processos de socialização com os adultos e com os pares. Sobre a socialização, Muller e Delgado (2005, p.353) explicam: “esta noção de socialização na sociologia da infância estimula a compreensão das crianças como atores capazes de criar e modificar culturas, embora inseridas no mundo adulto”.

Dentre os trabalhos que tiveram grande repercussão sobre o modo como pensamos o desenvolvimento das crianças, Piaget (1995) evidencia que o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto.

Vygotsky (1998) ressalta ainda os aspectos culturais envolvidos no desenvolvimento infantil. Assim, ele concebe o sujeito interativo que elabora seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro.

Wallon (1989) destaca o papel das emoções no desenvolvimento das crianças afirmando que as trocas relacionais são fundamentais e que as emoções estão na base do desenvolvimento das crianças.

O entendimento dos referidos autores permite-nos hoje considerar as crianças dentro da unidade de Educação Infantil de maneira singular e percebemos a influência de tais estudos na própria organização do espaço e das rotinas de creches atualmente.

O entendimento de que as instituições de Educação Infantil têm um papel importante no desenvolvimento social e cognitivo das crianças, e pesquisas na área de Educação Infantil com foco na discussão do papel das creches e pré-escolas no desenvolvimento integral da criança, que surgem no Brasil e no mundo, passam a impulsionar a elaboração de Políticas Públicas para Educação Infantil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96), que estabelece a EI como primeira etapa da educação básica brasileira e reconhece o direito das crianças de até seis anos ao seu desenvolvimento

integral⁴, complementando a intervenção da família. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) apresenta-se como um parâmetro norteador que trata de objetivos, conteúdos e orientações didáticas voltadas para o trabalho com crianças de zero a seis anos.

Essas políticas concretizaram a instituição de Educação Infantil como espaço educativo e de intencionalidade, que reflete e contribui para o desenvolvimento integral dos pequenos; e lança sobre a Educação Infantil, e sobre a criança, novos olhares e conceitos, na Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2006, p.8) contata-se que: “atualmente emerge uma nova concepção de criança como criadora, capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeito de direitos, um ser sócio-histórico, produtor de cultura e nela inserido”.

A organização dos grupos no espaço escolar também é algo discutido nas áreas da sociologia a exemplo de Coutinho (2013) que em sua pesquisa buscou discutir a importância da coletividade para a estruturação das ações sociais e investigar como acontecem/desenvolvem a recorrência das relações sociais entre os bebês e seus coetâneos na creche.

O resultado desse estudo confirma que os bebês estabelecem relações sociais, isto é, conseguem interagir com o outro, através de diferentes maneiras, seja pelo olhar, as vocalizações, o sorriso, etc. Isso implica informar que as crianças, desde muito cedo criam estratégias próprias que podem aproximar ou distanciar seu par. Sobre esse assunto Coutinho (2013) explica que:

O coletivo é tomado como estruturante das ações sociais em contextos institucionais, embora se saiba que não existe elaboração cultural sem interação e que toda ação social é movida pela ação de outro ou de outros, nos espaços institucionais a dimensão que esse aspecto toma é central (p.4).

Na creche, as crianças vivenciam diferentes experiências, sejam elas no contato com outros bebês, com os adultos, os objetos e os espaços da creche. Silva e Ramos (2013) constaram em sua pesquisa que o ambiente da creche quando planejado e pensado de acordo com as especificidades das crianças, favorecem momentos de interações e conseqüentemente torna possíveis trocas de experiências que favorecem o desenvolvimento sociocomunicativo dos pequenos.

⁴ A partir da ampliação da Educação básica para 9 anos, e com a Resolução N° 5 de 17 de Dezembro de 2009 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a E. I. passou-se a atender crianças de 0 a 5 anos.

Com embasamento nessa concepção, nossa pesquisa buscou analisar como acontece a interação entre os bebês com e através de objetos. Para tanto, nossa pergunta norteadora se construiu em torno de: como acontece a interação entre os bebês por meio de objetos?

Buscando compreender como se desenvolve essa interação, almejou-se identificar se os bebês utilizam ou não os objetos de acordo com a sua representação social; perceber que tipos de interações os bebês desenvolvem quando vivenciam momentos de inter-relação com outros bebês e com os objetos presentes na creche; e identificar se o espaço é organizado de modo a favorecer a interação entre os bebês.

A escolha dessa temática ocorreu a partir de nossas vivências profissionais, com a experiência do estágio não-curricular realizado em uma Creche Municipal do Recife, que nos proporcionou a participação e a intervenção direta no espaço institucional da creche, além do Estágio Curricular vivenciado na disciplina de PPPVI desenvolvido na Educação Infantil, ambas experiências nos ajudaram a compreender a diversidade de aprendizagens e possibilidades de desenvolvimento, que pode ser proporcionado às crianças, em diversos aspectos, seja no cognitivo, na comunicação, na autonomia, etc.

Nesse sentido, espera-se que esse estudo traga contribuições em relação à compreensão do bebê como sujeito social, e da instituição educativa (creche) como espaço educativo e com papel indispensável na formação desses sujeitos sociais.

Com o intuito de compreender melhor esse campo investigativo, foram realizadas pesquisas nos bancos de dados da ANPed, Scielo, Google acadêmico, site de banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no portal de periódico da CAPES, no período que compreende os últimos cinco anos, na busca por trabalhos acadêmicos voltados para esse campo de estudo. Percebe-se um crescimento na elaboração de pesquisas que buscaram investigar a relação dos bebês nos processos de interação, que são fundamentais na primeira fase da vida, e que favorece o desenvolvimento da criança como ser ativo e social, dentre essas pesquisas destacamos o estudo de Ramos (2010) que constata que através dos momentos de interação que as

crianças vivenciam com outros sujeitos e com o ambiente, no qual está inserida, faz descobertas e adquirem novos aprendizados.

Apesar de identificar o crescimento de estudos realizados com bebês em processo de interação, esses apresentam maior quantitativo em pesquisas voltadas pelo viés psicológico e social, como, por exemplo, o trabalho de Anjos, Amorim, Vasconcelos e Rossetti-Ferreira (2004), que buscam através da psicologia investigar campos interativos para assim compreender processos de co-regulações de comportamentos.

Levando em consideração essas pesquisas, nosso estudo difere dos demais por buscar utilizar uma abordagem que atente para os aspectos pedagógicos e sociais que acontecem no processo de interação entre os bebês e destes com os objetos.

INTERAÇÃO: PROMOTORA DO DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ:

Atualmente, muitos estudos têm se debruçado em investigar a interação entre crianças e a contribuição desse processo para o seu desenvolvimento; o que se aponta é que desde muito cedo, quando ainda bebês, os pequenos possuem capacidades motoras imaturas, mas por outro lado, são dotados de grandes capacidades perceptuais e expressivas que os permitem interagir e aprender com o outro e com o ambiente desde seus primeiros dias de vida (VASCONCELOS, AMORIM, ANJOS e ROSSETTI-FERREIRA, 2003).

Essa percepção da criança como sujeito ativo e produtor de cultura que se relaciona com o seu meio e que, portanto, interage, não foi algo constante na sociedade, pois por diversos momentos da história os pequenos foram percebidos de diferentes formas.

A forma como a criança é concebida está diretamente relacionada com os aspectos históricos, sociais, culturais, geográficos e políticos que mudaram ao longo do tempo. Tais mudanças podem ser percebidas nos documentos legais que estabelecem os parâmetros da educação de uma maneira em geral. Sobre esse assunto Kuhlmann (1998) explica que:

[...] infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (p.16).

Nesse sentido, a sociedade brasileira também passou por diversos momentos em que o conceito de infância foi alterado. É a partir da década de 1980 que é possível perceber mais nitidamente a incorporação do entendimento de que as interações podem promover o desenvolvimento das crianças.

Após a Constituição Federal de 1988 que estabelece a educação como um direito subjetivo do indivíduo vários outros documentos vem referendar o importante papel das instituições educacionais visando o desenvolvimento do sujeito desde a infância. Em decorrência ao reconhecimento do direito da criança à educação a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 9.394/96 institui em seu artigo IV o atendimento gratuito em pré-escolas e creches para o público de crianças de zero a seis anos, o que se constitui em uma conquista relevante para o desenvolvimento e interação dos pequenos. O documento argumenta em seu artigo 29, seção II a questão do desenvolvimento integral, relacionando esse desenvolvimento aos aspectos sociais, ao psicológico, cognitivo e físico, podemos inferir que as interações, que se desenvolvem no espaço institucional é um dos aspectos promotores do desenvolvimento das crianças.

Percebemos através desses documentos uma perspectiva de infância que tem como ponto de partida novos estudos da Sociologia da Infância, da Psicologia, da Antropologia, que têm afirmado cada vez mais o papel das interações como suporte para o desenvolvimento. É a partir desses estudos ainda recentes da Sociologia da Infância que eclodiram na década de 1980, que se buscou romper com a concepção tradicional de compreender a criança como um adulto em potencial, ou seja, pensada a partir da perspectiva adultocêntrica.

Como afirma Luz (2008, p. 26), “por meio das atividades conjuntas realizadas com as demais crianças, elas têm a possibilidade de se apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia”. Nesse contexto, a socialização é algo que permite às crianças criar sua história e modificar as culturas, numa condição ativa. Essa socialização implica numa construção da interatividade que compreende um conjunto de atividades desenvolvidas e partilhadas pelas crianças com os seus pares.

Levando em consideração a concepção dos pequenos como sujeitos ativos, produtores de conhecimentos e sujeitos de autonomia, começa-se a pensar no desenvolvimento desses indivíduos, a partir da participação das

crianças em processos interativos. Sobre esse assunto, Ramos (2010) em uma pesquisa com bebês, explica que no processo de interação os pequenos observam com dinamismo as ações que são desenvolvidas com o outro respondendo às manifestações sociais dos seus coetâneos.

Uma definição do conceito de interação é fundamental para a compreensão de como acontecem os processos interativos entre os bebês e os objetos. Nesse sentido, segundo Carvalho e colaboradores (1999), caracteriza-se como interação os episódios, onde há respostas recíprocas entre os sujeitos que compõem o mesmo sistema. Partindo desse conceito é interessante observar como se dá a interação entre bebês. É o que discutiremos a seguir.

INTERAÇÃO: BEBÊ- BEBÊ:

Desde os primeiros anos de vida, as crianças estabelecem contato com outras crianças. A forma e a proporção como esses contatos se desenvolvem depende das características de cada grupo social. A partir do momento histórico em que a família patriarcal (nuclear ou extensa) começa a se estruturar, passa a ocorrer uma maior intensificação de convivência entre crianças, visto que, a composição desse tipo de família se dava pelo grande número de pessoas convivendo juntas.

Diferente do modelo de família composta por pais e filhos, a família patriarcal agregava diversos parentes, criados, etc. que moravam juntas, isso implicava na interação espontânea entre crianças da mesma idade ou de idades diferentes.

Posteriormente, com estudos emergentes da psicologia, buscou-se compreender o desenvolvimento infantil diante de uma configuração social onde as crianças passaram a conviver juntas em instituições. Na perspectiva de Wallon *apud* Ramos (2010) o meio social é um espaço que oferece ao indivíduo condições coletivas para sua evolução e sua diferenciação.

Outro grande teórico que trouxe contribuições nessa discussão foi Vygotsky que trata da interação social como algo relevante para a aprendizagem. Na teoria de Vygotsky a relação do “eu” com o “outro” é colocada como indispensável para a interação do sujeito com o meio social e conseqüentemente para a construção da aprendizagem.

Pensando no contexto de convivência coletiva, no ambiente de Educação Infantil, algumas pesquisas começam a focar o processo de comunicação das crianças com seus coetâneos. Como já citado anteriormente, pesquisa como por exemplo, de Rodrigues e Ramos (2012) buscaram analisar a participação social das crianças nas atividades que lhe eram propostas, o que se percebe nessa pesquisa é que os pequenos utilizam-se de diversos recursos comunicativos não-verbais para demonstrar seus interesses durante seu envolvimento com outras crianças em atividades desenvolvidas na creche. Nesse sentido, compreende-se que a comunicação não-verbal é um recurso recorrente utilizado pelas crianças, e mais especificamente, pelos bebês, e portanto, promove e intensifica o envolvimento, ou seja, a interação entre esses indivíduos.

A pesquisa de Carvalho e Beraldo (1989, p.56) chama a atenção para um aspecto relacionado à interação entre crianças, quando dizem: "...a interação com outra criança é, desde muito cedo, uma atividade de *alta prioridade motivacional* tanto em contraste com a interação com objetos como com a interação com adultos". Ou seja, os pequenos possuem maior atração por outra criança, reagem de forma efetiva às ações e olhares dos seus coetâneos.

Percebe-se o processo de interação como algo essencial e importante para as crianças desde os primeiros dias de vida, pois esse influencia e favorece a dinâmica do desenvolvimento integral desses sujeitos.

Nesse sentido, é possível perceber que mesmo quando a interação entre os pequenos se desenvolve sem que haja uma atividade direcionada pelo adulto contribui para o processo de desenvolvimento dos mesmos, nos diversos aspectos, seja no cognitivo, social, motor e emocional.

Nesse contexto, o estudo da interação bebê- objeto ressalta as contribuições e as possibilidades de aprendizagens que os pequenos têm ao explorar diferentes objetos. Em seguida, explicaremos como acontece essa interação.

INTERAÇÃO: BEBÊ- OBJETO:

A criança está sempre na busca por explorar o ambiente no qual está inserida, isso implica dizer que os pequenos estabelecem uma relação constante com os objetos que estão dispostos nesse espaço.

Os estudos desenvolvidos na área de psicologia, como, por exemplo, o de Piaget almejou investigar a relação criança- objeto. Esse autor discutiu a interação que a criança estabelece com o objeto e a implicação dessa interação na construção do conhecimento. Como explicam Sanchis e Mahfoud (2007, p.166): “é a própria interação que permite a construção do sujeito, do objeto e do conhecimento”.

Outro grande teórico que trouxe contribuições nessa discussão foi Vygotsky que trata da interação social como algo relevante para a aprendizagem. Na teoria de Vygotsky a relação do “eu” com o “outro” é colocada como indispensável para a interação do sujeito com o meio social e conseqüentemente para a construção da aprendizagem.

Pensando nos bebês e na relação desses sujeitos com o objeto, Vygotsky *apud* Goes (1995, p. 26) menciona que: “O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa”; ou seja, a relação da criança com o objeto é mediado pela ação de outro sujeito que dá um suporte na construção do significado cultural do objeto.

Pensando, pois, na interação entre os bebês e os objetos que ocorrem no ambiente da creche, entende-se que essa interação possibilita às crianças desenvolverem diferentes habilidades, desde a coordenação motora, o emocional e o cognitivo que são essenciais no processo de formação dos pequenos. Sobre esse assunto Bruner *apud* Barbosa e Fochi (2012), explica que:

O jogo do objeto nos dá um exemplo. Um só ato, como jogar se aplica sucessivamente a um amplo campo de objetos. Jogando tudo aquilo sobre o qual a criança pode colocar suas mãos. A criança experimenta num só objeto todas as rotinas motoras do qual é capaz: agarrar o objeto, jogar, atirá-lo ao chão, colocar na boca, colocar sobre sua cabeça, fazendo acontecer todo o repertório (p. 10).

Ao observar uma situação, onde os bebês desejam ter posse de algum objeto, é possível constatar que esses sujeitos manifestam seu desejo de distintas maneiras, seja com o choro, o movimento corporal, o sorriso, através das vocalizações, das expressões faciais, dos balbucios e dos gestos, onde as crianças utilizam dos recursos não verbais no momento da interação com os objetos presentes no ambiente sociocultural.

Sobre o processo interativo entre bebê-objeto, Pedrosa e Carvalho (1996) discutem que os estudos desenvolvidos com base nas diferentes correntes da Psicologia do Desenvolvimento revelam como o objeto influencia no processo de interação social, como também no desenvolvimento cognitivo dos pequenos, pois quando as crianças passam a observar a utilização de um objeto por um adulto é possível identificar a influência que essa ação promove em relação ao significado que o bebê atribui aos objetos que interage.

Os significados atribuídos aos objetos estão relacionados com os estímulos culturais que as crianças recebem do meio social em que estão inseridas, isso implica dizer que nessa interação o conhecimento individual da criança influenciará na maneira com que as mesmas representarão socialmente os objetos explorados na creche, como também a re-elaborarem novos significados aos objetos já conhecidos.

Os estudos de Piaget (1995) explicam que a criança constrói seu conhecimento a partir de vivências de diferentes experiências, ou seja, inicialmente o bebê explora um objeto sem necessariamente atribuir um significado específico, à medida que os pequenos vão estabelecendo relações de interações gradativamente vão construindo conceitos para o objeto. Ressaltamos aqui que mesmo trazendo importantes contribuições no que diz respeito ao desenvolvimento do sujeito por meio da relação entre este e o objeto, acreditamos que as interações entre sujeito e objeto ganha significado quando mediado por outro sujeito de cultura que atribui um sentido a cada objeto. Desta forma, em nosso trabalho teremos como aporte tanto teórico, quanto nas análises os estudos de Vygostsky (1998) e Wallon (1989).

Nesse sentido, compreende-se a importância de possibilitar as crianças momentos de interação com diferentes objetos, visto que esse envolvimento contribui para o desenvolvimento de uma série de habilidades e capacidades que são essenciais na formação desses indivíduos.

INTERAÇÃO ENTRE BEBÊS E OBJETOS:

As relações que se estabelecem no processo interativo entre os bebês e os objetos, pode se desenvolver de diferentes maneiras, pois nessa interação o

objeto, na maioria das vezes é pensado pelos pequenos como um artefato de desejo, ou seja, de posse.

Levando em consideração essa informação, observa-se que um objeto pode ser explorado pelos bebês como uma maneira de aproximá-los, isto é, de estabelecer uma comunicação com seus coetâneos, como também de situações de disputas, conflitos e até mesmo agressões pela posse do objeto. Caracteriza-se como agressão tanto os comportamentos que ocasionam danos ou dor de natureza física, quanto os de natureza psicológica.

Sobre a relação conflito e agressões é possível constatar a elaboração de estratégias que os bebês utilizam com a finalidade de solucionar o embate da disputa pelos objetos. Com base nessas informações o desenvolvimento da nossa pesquisa buscou inspiração no estudo de episódios interativos desenvolvido por Garcia, Almeida & Gil (2013, p.30).

O estudo da pesquisa desses autores foi desenvolvido com crianças de 24 a 36 meses, em espaços previamente organizados, onde foram inseridos diferentes brinquedos. Foram realizadas oito sessões com câmera de filmagem. A partir da análise das sessões dos processos interativos esses autores desenvolveram algumas categorias de interação.

Dentre as categorias do estudo de Garcia, Almeida & Gil (2013), selecionamos algumas subcategorias para dar subsídio ao desenvolvimento dessa pesquisa, que são: disputa por objeto, interação amistosa, atrapalhar a brincadeira, e agressão. Essas interações acontecem a partir de diferentes ações entre os bebês com os objetos. De modo que:

- Disputa do objeto: nesse episódio interativo uma criança apropria-se de um objeto de posse de outra criança;
- Interação amistosa: os bebês interagem com o objeto no ambiente explorando-o harmoniosamente;
- Atrapalhar a brincadeira: uma criança interrompe a brincadeira de outra que está em posse de um objeto, sem o intuito de se apropriar do mesmo;
- Agressão: nesse processo interativo há o desejo pela posse do objeto, por esse motivo os bebês realizam uma disputa com o seu parceiro, através da agressão física ou psicológica para ter posse do objeto em disputa.

A compreensão de como se desenvolve essas categorias de interação entre bebês e objetos nos remete ao estudo de como ocorrem a dinâmica de atendimento, às crianças, no espaço da instituição de Educação Infantil.

O ATENDIMENTO DOS BEBÊS POR INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS:

A creche e a pré-escola é o primeiro espaço, após o convívio familiar, onde a criança passa a estabelecer relações com outros indivíduos, isto significa dizer que as crianças vivenciarão momentos de interações.

Sobre esse momento de inserção da criança no espaço institucional de educação infantil Craidy & Kaercher (2001, p.02) afirmam: “a criança vive um momento fecundo, em que a interação com as pessoas e as coisas do mundo vai levando-a a atribuir significados de uma experiência cultural que é própria de seu grupo social, é o que denominamos de educação”.

O processo de ingresso da criança na instituição de educação, que é uma organização social, exige dela adaptação à rotina estabelecida na creche, principalmente das crianças ainda bebês.

A organização desse espaço influencia diretamente nas interações sociais desenvolvidas pelas crianças, segundo Abramowicz e Wajskop (1999) e Zamberlan, Basani e Araldi (2007) afeta tudo o que a criança faz, modifica suas atividades e a maneira como utiliza os materiais, além de transformar suas interações com seus coetâneos.

Pensando, pois, nesse ambiente propiciador Zamberlan, Basani e Araldi (2007) apontam para a importância da garantia de salvaguarda que esse ambiente deve propiciar às crianças e da atenção e cuidado aos objetos disponibilizados aos pequenos, esses devem ser estimuladores e adequados a faixa etária das crianças.

Segundo o RCNEI (Brasil,1998), as crianças desde os primeiros meses de vida devem ter contato e liberdade de explorar e manusear os diferentes tipos de objetos, brincando, explorando-os e utilizando-os de diferentes formas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A presente pesquisa apresenta abordagem qualitativa, que se caracteriza por estudar os fenômenos sociais; e utilização de dados descritivos, que serão apreendidos através do contato direto com o ambiente de estudo.

Sobre a abordagem qualitativa Neves aponta:

...dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados (1996, p.01).

Nesse sentido, a fonte de coleta dados foi o ambiente natural da creche. Como a proposta desse estudo foi investigar como acontecem os processos interativos entre os bebês por meio de objetos no Grupo I, que agrupa crianças entre um e dois anos de idade, no procedimento metodológico optou-se por realizar uma pesquisa com inspiração na análise microgenética.

Essa análise é utilizada com recorrência em pesquisas na área da Psicologia Cognitiva, porém, também é aplicada nas pesquisas do campo educacional. Consiste em um tipo de procedimento que emprega uma atenção detalhada a episódios interativos, traduzindo-se em relatos minuciosos dos acontecimentos estudados (GÓES, 2000).

Nessa pesquisa, optou-se pela utilização da videografia para coleta de dados, pois esse instrumento se constitui como ferramenta da microgenética, permitindo registrar de forma mais autêntica as ações, gestos entre outras pistas visuais (MEIRA, 1994).

A pesquisa foi desenvolvida em um CMEI da cidade do Recife, esse campo empírico da pesquisa foi escolhido porque foi levado em consideração o trabalho desenvolvido pela instituição, e a organização dos espaços desse ambiente, o que favorece o que se pretende investigar nessa pesquisa que são as interações entre os bebês com os objetos.

Inicialmente, foram realizadas duas visitas ao campo de estudo com o intuito de iniciar um vínculo com as crianças e com os demais sujeitos que compõe o espaço do Grupo I. O objetivo maior dessas visitas foi familiarizar os pequenos com a nossa presença no espaço e com o equipamento de filmagem que foi utilizado para a coleta dos dados.

Posteriormente, foram realizadas cinco videografias, as filmagens foram feitas em diversos espaços e com uso de diferentes objetos, como por exemplo, fantasias, brinquedos variados, carrinhos, panelinhas, bonecas, etc. Essas filmagens aconteceram nos espaços onde as crianças do Grupo 1 se encontravam em momentos de atividades não dirigidas pelos adultos, ou seja, nos momentos do brincar livre.

As gravações foram realizadas com uma câmera de vídeo, que foi sendo direcionada sempre que percebidos indícios de interações entre duas ou mais crianças com o intermédio de um objeto. Após a coleta de dados, na medida em que as cenas de vídeos foram sendo assistidas, foram realizados recortes de episódios interativos dos bebês com os objetos, em seguida foi feita a transcrição, o registro e análise das interações.

ANÁLISE DOS DADOS:

Nas cinco videografias identificou-se vinte e nove episódios interativos, que envolviam 19 crianças do grupo I, com idades entre 1 a 2 anos. A análise dos dados foi realizada através da microanálise, onde as videografias foram assistidas cuidadosamente e feito recortes de processos interativos, levando em consideração dois indicativos: a) a interação entre os bebês com os objetos; e, b) a organização do espaço no favorecimento dessas interações. Essa análise nos revelou que alguns tipos de interação acontecem com maior frequência.

Dentre as quatro categorias que foram tomadas como base nesse estudo foi possível identificar todas elas nas videografias. Portanto, as interações identificadas foram: Com o outro (disputa do objeto que se apresenta com agressão ou não, interação amistosa, e atrapalhar a brincadeira), além dessas categorias foram observadas também a interação da criança com o objeto (através do uso social e da construção da aprendizagem).

Não sendo possível apresentar detalhadamente todos os episódios interativos, trazemos abaixo um quadro apresentando a frequência com que aconteceu cada tipo de interação.

Quadro 1: Tipos de Interação

Bebê – bebê - objeto						Bebê – Objeto – bebê		
Bêbê – bebê sem objeto	Amistosa	Atrapalhar a brinca deira	Disputa com agressã o	Disputa sem agressã o	Total	Uso Social (represent ação)	Aprendiz agem	Total
0	5	5	4	4	18	9	2	11

Fonte: OLIVEIRA, Kariny e AQUINO, Priscila (2016).

A seguir há a discussão de cada tipo de interação apresentada acima, com pelo menos uma exemplificação, através de imagens e descrições dos episódios, que melhor apresente a ação ocorrida.

1. Interação bebê-bebê sem a intermediação do objeto

Como apresentado no quadro, não foi identificado nenhum momento em que as crianças interagem sem o objeto nas 2 horas e 30 minutos de videografia. Isso ocorreu, porque esse não foi o objeto de estudo da nossa pesquisa, portanto não há registro desses episódios de interação.

2. O objeto que aproxima a criança de outra (as)

Na interação amistosa as crianças se aproximam e exploram os objetos de forma compartilhada. Segundo Garcia, Almeida & Gil (2013) a interação amistosa, é um processo interativo em que as crianças se relacionam com o objeto no ambiente explorando-o harmoniosamente. Como acontece no episódio a seguir, onde o objeto (caixote de guardar brinquedos) foi explorado de forma que aproximou as duas crianças envolvidas no episódio de interação.

Episódio 1:

PC (1 ano e 7 meses): Está sentado dentro do caixote, onde se guarda os brinquedos;

SL (1 ano e 8 meses): Se aproxima e empurra pela sala o caixote com PC dentro;

PC (1 ano e 7 meses): Sorri (inaudível).



Percebe-se que o objeto não causa nenhuma disputa, ou desconforto às crianças envolvidas, pelo contrário, observamos que o objeto é o fator que as

aproxima, ocasionando uma interação harmoniosa em que a criança PC responde à ação do outro com um sorriso o que expressa resposta positiva a essa ação.

Em todos os outros quatro episódios dessa categoria, uma criança ao desenvolver uma ação direcionada ao objeto despertava a atenção das outras crianças, o que as aproximava e as estimulava a explorar os objetos de forma harmoniosa.

3. Atrapalhar a brincadeira

Esse tipo de interação aparece nos dados dessa pesquisa de forma bem relevante, cinco episódios que se caracterizam como bem descreve Garcia, Almeida & Gil (2013), por a criança interagir com outra atrapalhando a brincadeira. Como representado no episódio abaixo:

Episódio 2:

BP (1 ano e 11 meses): Coloca um objeto na cabeça e fica em frente ao espelho e se observa;

JH (1 ano e 9 meses): Está ao lado do espelho e tenta retirar o objeto da cabeça da outra criança. Até conseguir.

BP (1 ano e 11 meses): Tenta puxar o objeto que JH pegou de sua cabeça, mas não consegue;

JH (1 ano e 9 meses): Em seguida joga o objeto no chão;

BP (1 ano e 11 meses): Pega o objeto do chão e vai embora.



Nessa interação a criança JH tenta retirar o objeto de BP, e ao conseguir ele descarta o mesmo, acreditamos que essa ação aconteceu pelo fato de a criança BP ao estar explorando o objeto dentro de um contexto imaginário, despertou na outra criança o desejo de vivenciar essa brincadeira. O fato de logo em seguida JH descartar o objeto nos parece que ao retirar o brinquedo da outra criança ele consegue apenas o objeto e não a brincadeira que era o seu desejo.

A análise dos demais episódios situados nessa categoria revelou que as crianças interrompiam a brincadeira da outra criança pegando o objeto que estava em suas mãos, mas após conseguir ter posse do objeto a criança deixava-o de

lado, ou seja, parece-nos que o fato ocorrido no episódio descrito acima se repete nos demais episódios, e em todos os casos a criança ao retirar o objeto de outra, deseja a brincadeira, porém não consegue com a ação de retirar o objeto, descartando-o. Nesses episódios constatou-se que não ocorriam a interferência do adulto, esse fato nos remete a um aspecto positivo, pois favorece a autonomia da criança na resolução de pequenos conflitos.

4. Interação de disputa do objeto com agressão

A interação que apresenta agressão física aparece, nos dados, em quatro episódios interativos, nesses episódios a criança tenta solucionar o conflito com algum tipo de agressão que a auxilie a ter vantagem sobre a outra no momento de disputa pelo objeto. O exemplo a seguir nos dá uma representação bem clara desse tipo de interação.

Episódio 3:

NF (1 ano e 7 meses): Se aproxima da mesa onde estão vários objetos de montar, puxa a cadeira e senta;

JH (1 ano e 9 meses): Se aproxima e tenta sentar na mesma cadeira que a C1 está, ela puxa a criança pelo braço pra que ela saia da cadeira e a empurra;

NF (1 ano e 7 meses): Lhe dá um tapa;

JH (1 ano e 9 meses): Tenta puxar a cadeira;

NF (1 ano e 7 meses): Com raiva balbucia (inaudível);

JH (1 ano e 9 meses): Desiste de puxar a cadeira.



Nesse episódio ocorre uma disputa que se caracteriza pelo desejo de posse do objeto, que nesse caso é a cadeira, ocorrendo também uma agressão física. Percebe-se a comunicação como meio da expressão de raiva com o balbucio revelado pela criança.

Sobre esse assunto, Bruzek e Thompson *apud* Garcia, Almeida & Gil (2013) explicam que a fase da infância, onde as crianças são ainda bebês é onde há o maior interesse dos pequenos por objetos que estão em posse de outras

crianças. Os resultados constatados nesse estudo revelam que esse é um dos fatores que favorecem a ocorrência de conflitos com agressões nos episódios de interação na presença de objetos.

Acreditamos que as agressões ocorreram pelo quantitativo referente a um mesmo objeto disponíveis no ambiente, o que contribuiu assim, para a disputa do objeto com agressões (mordidas, empurrões, tapas, beliscões).

5. Interação de disputa do objeto sem agressão

A disputa do objeto sem agressão correu quatro vezes durante a coleta de dados, e nesse tipo de interação a criança busca solucionar o conflito de outra forma que não seja a agressão. Dentre os quatro episódios percebeu-se que algumas crianças solucionam esse conflito de diversas formas, cedendo o objeto para o seu coetâneo, disputando o objeto até que a criança com mais “força” ganhe a disputa (de forma que não agride o outro), ou, acionando o adulto para solucionar o problema. Como no episódio a seguir:

Episódio 4:

BP (1 ano e 11 meses): Está sentada com um objeto;

SL (1 ano e 8 meses): Senta junto a BP com um outro objeto.
Ele toma o objeto que está com a outra criança;

BP (1 ano e 11 meses): Tenta pegar o objeto de volta, mas não consegue, então ela vira-se para olhar para o adulto enquanto aponta para SL e balbucia;

A criança BP aciona o adulto, porém esse não intervém e BP fica um tempo a observar o colega, ao perceber que o adulto não vai interferir ela desiste do objeto.



Parece-nos que a criança ao acionar o adulto revela certa dificuldade em resolver o conflito tendo como referência para a solução do problema um indivíduo mais experiente. Sobre essa busca da criança em comunicar ao adulto a situação da disputa do objeto, Tomasello e Bruner *apud* Ramos (2010) discute sobre a presença do adulto e a relação de sentido que as crianças constroem sobre ele. Para esses autores a criança constrói uma imagem de referência sobre

o adulto na qual ela irá se remeter em situações na qual ela precisa de outro sujeito. O que nos aponta para a responsabilidade do adulto nesse processo de reconhecer as crianças como sujeitos que possuem intencionalidade na comunicação, e na importância de auxiliar a criança na compreensão da função da linguagem que consiste na apreensão e na socialização de significados.

Nos demais episódios relacionados a essa categoria os pequenos demonstraram outra forma de agir diante da disputa pelo objeto. Eles buscavam solucionar o problema de duas formas, tentando obter a posse do objeto desejado ou cedendo o objeto para o colega com qual ocorria a disputa.

6. Explorando objetos e representando-os socialmente

Durante as cinco videografias identificamos diversos momentos em que as crianças representaram socialmente os objetos e/ou deram um novo significado. Como apresentado anteriormente, foram 9 episódios de interação das crianças com o objeto em que ela faz uso social dos mesmos, sendo esse o maior quantitativo de episódios comparado as outras categorias de interação que apresentamos, o que nos indica que as crianças desde muito cedo observam e internalizam como as pessoas ao seu redor (adulto ou outras crianças) fazem uso dos objetos.

Dentre os 9 episódios as crianças fizeram uso de diversos objetos, entre eles, bolsa, pantufas, caixote, utensílios de cozinha de brinquedo, raquete, pandeiro, entre outros, alguns foram utilizados de acordo com a representação social, e outros foram utilizados atribuindo novos significados e usos. Apresentaremos 2 exemplos que nos apontam essa interação com o objeto e o significado que a ele foi atribuído.

Como por exemplo, o momento representado nas fotos abaixo, onde a criança encontra as pantufas em um local da sala, coloca-as no pé e anda pela sala.

Episódio 5:



Esse episódio de interação caracteriza-se pela representação social, onde as pantufas são utilizadas de acordo com a sua utilidade. Sobre esse assunto Piaget (1995) explica que a criança constrói seu conhecimento a partir de vivências de diferentes experiências, ou seja, inicialmente o bebê explora um objeto sem necessariamente atribuir um significado específico, à medida que os pequenos vão estabelecendo relações de interações gradativamente constroem conceitos para os objetos.

Observou-se também a construção de um novo significado para o objeto no episódio a seguir.

Episódio 6:

RF (1 ano e 9 meses): (1 ano e 9 meses): joga o guarda brinquedos com bolas coloridas no chão e emborca o guarda brinquedos.

GD (1 ano e 10 meses): observa RF jogar o guarda brinquedos no chão

PC (1 ano e 7 meses): se aproxima e senta no guarda brinquedos como se fosse um banco.



Na ocasião pode-se observar que a ação de um sujeito (nesse caso RF) deu suporte para a construção de um novo significado cultural para o objeto; a criança PC pode perceber a partir da ação de RF que o caixote que era utilizado para guardar os brinquedos poderia servir-lhe para sentar. Sobre isso Vygotsky (1995) diz que “O outro” é de fundamental importância para que o sujeito chegue até o objeto, que nesse episódio contribuiu para a construção de um novo significado para o objeto.

7. Construção de aprendizagens, através da observação da ação do outro

Dentre os episódios registrados nesse estudo aparecem dois que indicaram mais claramente a construção de aprendizagem, podendo ser, a partir da imitação de uma determinada ação realizada por uma criança ou a partir da ação de um adulto. Como apresentado a seguir:

Episódio 7:

A educadora dispõe de vários fantoches no chão da sala, coloca alguns fantoches nas mãos e brinca com as crianças; algum tempo depois, a criança AS (1 ano e 11 meses) pega o fantoche no chão coloca na mão e balbucia fazendo expressões com o fantoche em direção ao seu rosto, como se estivesse contando uma história.



A relação da criança com o objeto é mediada pela ação de outro sujeito (nesse caso o adulto) que forneceu o suporte para que a criança construísse a percepção da ação de contar a história com os fantoches.

Sobre o processo interativo entre bebê-objeto, Pedrosa (1996) apresenta contribuições das correntes da Psicologia do Desenvolvimento que retratam como o objeto influencia no processo de interação social, como também no desenvolvimento cognitivo dos pequenos, pois quando as crianças passam a observar a utilização de um objeto por um adulto é possível identificar a influência que essa ação promove em relação ao significado que o bebê atribui aos objetos, o que se revela na relação de aprendizagem que transita nessa ação de observar a ação do outro à construção de um significado para o objeto.

Sobre essa aprendizagem a partir da ação de outro sujeito, mais experiente (o adulto), Vasconcelos; Amorim; Anjos e Ferreira (2003, p.265) afirmam que “o desenvolvimento humano é uma co-construção feita com o outro, parceiro de interação, geralmente um parceiro mais experiente, que faz a mediação do encontro do bebê com o mundo em que ele gradativamente se insere”.

Outro episódio que apresenta a relação de aprendizagem entre as crianças é descrito a seguir:

Episódio 8:

A criança GD (1 ano e 9 meses) pega um pandeiro e toca o pandeiro chamando a atenção de outras crianças que passam a observar a ação de GD, logo em seguida a criança SL (1 ano e 8 meses) pega o pandeiro e faz a mesma coisa, toca-o; e posteriormente uma outra criança AS (1 ano e 11 meses) faz o mesmo que as outras duas crianças.



Observamos nesse episódio que as crianças ao observarem a ação de outra criança percebem a utilização do objeto e o som que ele produz, o que as levou a também desenvolver a mesma ação, como se tivessem descoberto o objeto a partir da primeira criança que o utilizou.

Sobre esse assunto, Vygotsky et. al. (1998) informa que as crianças como sujeitos sociais têm tanto nas ações individuais, como nas que desenvolvem no coletivo o aprendizado que se constrói a partir de representações sociais oriundas das vivências e das atribuições de significados que os pequenos atribuem por meio da interação social com outro sujeito.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com relação ao que foi observado, os ambientes da creche investigada, em sua maioria são livres sem muitos mobiliários, o que demonstrou o favorecimento da interação entre as crianças. Podemos perceber esse fato quando em uma das cinco videografias as crianças estavam em um dos espaços que tinha várias mesas e cadeiras, nesse caso, o quantitativo de episódios de interação entre crianças foi menor, sendo observados apenas três episódios. Esclarecemos que, mesmo tendo como subsídios os estudos oriundos da Psicologia Cognitiva para o desenvolvimento dessa pesquisa o enfoque foram os aspectos sociais e pedagógicos presentes nos episódios de interações entre os bebês e os objetos na creche.

Diante desses dados apresentados o que percebe-se é que o ambiente da creche favoreceu a interação entre as crianças por meio dos objetos. A forma como os espaços estão organizados nos faz pensar que a prática pedagógica ali realizada procura considerar as interações entre as crianças. Sobre esse assunto Freire (2004) explica que:

...o espaço é o retrato da relação pedagógica. Nele é que o nosso conviver vai sendo registrado, marcando nossas descobertas, nosso crescimento, nossas dúvidas. O espaço é retrato da relação pedagógica porque registra, concretamente, através de sua

arrumação (dos móveis) e organização (dos materiais) a nossa maneira de viver esta relação. (p. 96)

As análises dos dados coletados nos apontam para a compreensão da criança como ser social e construtora de aprendizagens, que vivenciam na creche momentos diversos com seus pares, contribuindo diretamente para o desenvolvimento integral dos pequenos. Como explica Wallon (1989) a criança se constrói nas suas interações com o meio e com os recursos que nele estão inseridos (aspectos físicos, indivíduos, objetos) que junto aos aspectos culturais favorecem o desenvolvimento do sujeito.

Nesse contexto de interação, a brincadeira parece ser o “motor” das relações que se estabelecem, ou seja, observou-se que a brincadeira era o fator principal que motivava as interações.

Diante disso, é relevante o desenvolvimento de estudos que busque melhor compreender as práticas e as relações que se estabelecem no ambiente escolar, para assim, promover cada vez mais situações que favoreçam essas interações.

Os achados dessa pesquisa ajuda-nos a refletir acerca dos processos interativos que acontecem entre os bebês e objetos. Acreditamos que ao conhecermos melhor os tipos de interações estabelecidas entre as crianças e os objetos podemos contribuir para prática do profissional de Educação Infantil. A partir da compreensão das interações entre as crianças, o educador poderá compreender de forma mais sensível os conflitos e relações que são estabelecidas entre as crianças e a perceber as diversas formas de comunicação utilizadas pelos pequenos, para assim melhor intervir de forma a contribuir com o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANJOS, A. M. dos; AMORIM, K. de S.; VASCONCELOS, C. R. F. E.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Interação de bebês em creches**. Universidade de São Paulo: Estudos em Psicologia. 2004.

ABRAMOWICZ, A. e WAJSKOP, G.. **Educação Infantil: creches: atividades para crianças de zero a seis anos**. São Paulo: Moderna, 1999.

AMORIM, K.S; VITORIA,T; ROSSETTI- FERREIRA,M.C. **Rede de significações: perspectivas para análise da inserção de bebês na creche**. Cadernos de pesquisa, nº109, p.115-144, março/2000.

BARBOSA, M.C.S.; FOCHI, P. S. **O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequena.** IX ANPED Sul: Seminário de pesquisa em educação da região Sul. 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº. 9.394. Brasília, 1996.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 05, 17 dez. 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial República Federativa do Brasil,** Brasília, DF, 18 dez. 2009.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Política Nacional de Educação Infantil:** pelo direito das crianças de zero a seis à educação. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CARVALHO, A. M. A., & BERALDO, K. E. A. **Interação criança-criança: ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas.** Cadernos de Pesquisa, 71, 55-61. 1989.

CARVALHO, A.M.A.; IMPERIO- HAMBURGUER,A.; PEDROSA,M.I. **Dados e tirados: teorias e experiências na pesquisa em psicologia.** Temas em psicologia, v.7, n.3.1999.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S. **Educação Infantil: pra quê te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

COUTINHO, A. M. S. **AS RELAÇÕES SOCIAIS DOS BEBÊS NA CRECHE: um estudo numa perspectiva sociológica.** Goiânia- GO: 36º Reunião Nacional da ANPED. 2013.

DELGADO, A. C.C.; MULLER, F. **SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: pesquisa com crianças.** Educ. soc., Campinas, vol.26, nº91, p.351-360, Maio/Ago. 2005.

FREIRE, M. Espaço e vida. In: MORAIS, Regis de(Org.). **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas: Papyrus, 2004. p. 95-98.

GARCIA, L. T.; ALMEIDA, N.V.F.;GIL, M.S.C.A. **CONFLITOS E AGRESSÕES ENTRE BEBÊS E DIFERENTES ATRIBUTOS DE BRINQUEDOS: um estado experimental.** Interação Psicol., Curitiba, v.17, n.1, p.27-36, Jan./Abr. 2013.

GÓES, M. C. R. de. **A construção de conhecimentos: examinando o papel do outro nos processos de significação.** Universidade Estadual de Campinas: Temas em psicologia. 1995, vol.3, n.2, pp. 23-29.

GÓES, M. C. R. **A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade.** In Relações de ensino – análises na perspectiva histórico-cultural. Cadernos Cedes, Campinas, 20, 50, pp. 9-25. 2000.

KRAMER, S. **A política do pré- escolar no Brasil: A arte do disfarce.** Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora LTDA. 1987.

KUHLMANN Jr., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LUZ, I. R. da. **Contribuições da Sociologia da infância à educação infantil**. Minas Gerais: Revista Paidéia. 2008.

MEIRA, L. **Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva**. Temas em Psicologia- SBP, 3, 59-71, 1994.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, V.1, N°3, 2°SEM, 1996.

PEDROSA, M. I. A emergência de significados entre crianças nos anos iniciais de vida. In Pedrosa, M.I. (org), Coletâneas da ANPEPP: Vol.1(4). **Investigação da criança em interação social**. (p.49-68). Recife, PE: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

PEDROSA, M. I., & CARVALHO, A. M. A. **A interação social e a construção da brincadeira**. Cadernos de Pesquisa, 93, 60-65. 1996.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 21. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAMOS, T. K. G. **A criança em interação social no berçário da creche e suas interfaces com a organização do ambiente pedagógico**. Recife, 2010.

RODRIGUES, T.S.A.; RAMOS, T.K.G. **Observando bebês durante atividades pedagógicas e refletindo sobre suas potencialidades sociocomunicativas**. Educação e contemporaneidade, São Cristovão/SE. 2012.

SANCHIS, I. de P.; MAHFOUD, M. **Interação e construção: o sujeito e o conhecimento no construtivismo de Piaget**. Ciências & cognição, Minas Gerais. Vol. 12. P. 165- 177, dez, 2007.

SILVA, V. dos R. S.; RAMOS, T. K. G. **Como a organização do espaço físico do berçário atua nas interações sociais de crianças na creche?** 65ª Reunião Anual da SBPC. 2013. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/65ra/resumos/resumos/7831.htm> <Acesso em: 29/11/2015 às 15:05>.

VASCONCELOS, C. R. F. E.; AMORIM, K. de S.; ANJOS, A. M. dos; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **A Incompletude como Virtude: Interação de Bebês na Creche**. Universidade de São Paulo: Psicologia: Reflexão e crítica. 2003.

VYGOTSKY, L.S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998.

WALLON, H. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo, Manieie, 1989.

ZAMBERLAN, M. A. T.; BASABI, S. I. S.; ARALDI, M. **Organização do espaço e qualidade de vida: pesquisa sobre configuração espacial em uma instituição de educação infantil**. Educere. Vol.2, n°4, p. 245-260, jul./dez. 2007.